

PENSAMENTOS SOBRE ÉTICA INDIVIDUAL, INDIVIDUALISMO, EGOÍSMO, GENEROSIDADE E COMPETIÇÃO



*“A função de um citarista é tocar cítara, e a
de um bom citarista é tocá-la bem”.*

ARISTÓTELES¹

Carlos Nuno Gomes e Simões de Melo ()*

Tenente Coronel de Cavalaria

1. INTRODUÇÃO

A ética é uma característica presente em qualquer actividade humana e, por esta razão, é um elemento vital na produção da realidade social. Qualquer indivíduo possui um sentido ético, uma espécie de “consciência moral”, avaliando e julgando constantemente as suas acções por forma a caracterizá-las como boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas.

Os comportamentos humanos podem, na generalidade, ser classificados sob a óptica do *certo* e do *errado*, do *bem* e do *mal*. Embora relacionadas com a forma de ser de cada indivíduo, essas classificações encontram-se, usualmente, ligados à estrutura cultural que prevalece em determinadas sociedades e contextos históricos.

A ética depende da capacidade de escolha individual (em oposição ao determinismo que retira à ética qualquer espaço), de forma a manter com os outros relações justas e aceitáveis. Fundamenta-se, geralmente, nos ideais de bem e de virtude.

Ao iniciar um trabalho que envolve a ética como objecto de estudo, considera-se importante, como ponto de partida, abordar o conceito de ética (estabelecendo o seu campo de aplicação) e focalizar este tema (tão abrangente) ao nível do

(*) Docente na Academia Militar das disciplinas de Tática de Cavalaria I e II. Membro efectivo do CINAMIL – Centro de Investigação da Academia Militar.

¹ In www.suigeneris.pro.br .

indivíduo, da sua ética individual, de algumas características tidas como positivas e de outras aceites como negativas.

O *Individualismo* merecerá uma abordagem que se espera ser motivo de alguma polémica, terminando o presente artigo com a apresentação de breves conclusões.

2. ÉTICA E ÉTICA INDIVIDUAL

A ética pode ser considerada como a teoria sobre a prática moral, uma reflexão teórica que analisa e critica os fundamentos e princípios que regem um determinado sistema moral. O dicionário de Língua Portuguesa de Francisco Torrinha diz-nos que a ética é, “*a ciência da moral*”² e Sánchez VÁSQUEZ amplia a definição afirmando que “*a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade*”³.

A ética também estuda a responsabilidade do acto moral. A decisão de agir numa situação concreta é um problema prático-moral, mas investigar se a pessoa pode escolher entre duas ou mais alternativas e agir de acordo com a sua decisão é um problema teórico-ético, pois verifica a liberdade ou o determinismo ao qual os nossos actos estão sujeitos. Se o determinismo é total, então não há espaço para a ética; se essas acções estão totalmente determinadas de fora para dentro, não se vislumbra qualquer espaço para a liberdade, para a autodeterminação e, como tal, para a ética.

Definida a ética de uma forma telegráfica, mas que se considera suficiente para uma reflexão desta natureza, abre-se agora o trilho para a abordagem da ética individual.

A ética individual é, regularmente, referida como ética psicológica, atendendo a que a psicologia se encontra na raiz da sua formulação. Por um longo período de tempo, a ética encontrou-se confinada exclusivamente à ética individual.

Gradualmente, a noção de existência de uma ética de grupo passou a ser reconhecida. Por vezes, o grupo é restringido a uma pequena percentagem da população⁴. Contudo, o grupo pode ser considerado como uma determinada comunidade, ou mesmo, toda a sociedade. A este nível pode-se falar de ética social.

² TORRINHA, Francisco, “*Dicionário de Língua Portuguesa*”, Ed. Domingos Barreira, Porto, 1946, pág. 527.

³ SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo, “*Ética*”, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 15ª ed., 1995, pág.12.

⁴ Quando é relacionado com uma determinada profissão, por exemplo.

Parece ser uma tendência do ser humano, a de defender, em primeiro lugar, os seus interesses próprios.

Aquele que só se preocupa com os lucros próprios, geralmente, parece ter menor consciência de grupo. Para ilustrar essa questão, citamos um caso, muito conhecido do saber popular:

“Dizem que um sábio procurava encontrar um ser integral, em relação ao seu trabalho. Entrou, então, numa obra e começou a perguntar. Ao primeiro operário perguntou o que fazia e este respondeu que procurava ganhar o seu salário; ao segundo repetiu a pergunta e obteve a resposta de que ele ocupava o seu tempo; finalmente, sempre repetindo a pergunta, encontrou um que lhe disse: «Estou a construir uma catedral para a minha cidade»”⁵.

A este último, o sábio teria atribuído a qualidade de ser integral em face do trabalho, como instrumento do bem comum. Como o número dos que trabalham visando primordialmente o rendimento é grande, as classes procuram defender-se contra a delapidação dos seus conceitos, tutelando o trabalho e zelando para que uma luta encarniçada não ocorra na disputa dos serviços. A consciência de grupo tem surgido, então, quase sempre, mais por interesse de defesa do que por altruísmo. Isto porque, garantida a liberdade de trabalho, se não se regular e tutelar a conduta, o egoísmo pode transformar a vida dos profissionais em reciprocidade de agressão.

A conduta do ser humano pode tender para o egoísmo, por isso constitui-se como necessário acomodar-se a normas, e estas devem estar apoiadas em princípios de virtude. Como as atitudes virtuosas podem garantir o bem comum, a Ética tem sido o caminho tomado para benefício geral.

O consultor dinamarquês Clauss MOLLER (1996) faz uma associação entre as virtudes **lealdade**, **responsabilidade** e **iniciativa** como fundamentais para a formação de recursos humanos. Segundo Clauss Moller o futuro de uma carreira depende dessas virtudes.

“O sentido de responsabilidade é o elemento fundamental da empregabilidade. Sem responsabilidade a pessoa não pode demonstrar lealdade, nem espírito de iniciativa (...). Uma pessoa que se sinta responsável pelos resultados da equipa terá maior probabilidade de agir de maneira mais favorável aos interesses desta e dos seus clientes, dentro e fora da organização (...). A consciência de que se possui uma influência real constitui uma experiência pessoal muito importante.

⁵ In www.achegas.net.

As pessoas que optam por não assumir responsabilidades podem ter dificuldades em encontrar significado para as suas vidas. O seu comportamento é regido pelas recompensas e sanções de outras pessoas - chefes e pares (...). Pessoas desse tipo nunca serão bons elementos de equipa”⁶.

Prossegue, citando a virtude da lealdade:

“A lealdade é o segundo dos três principais elementos que compõem a empregabilidade. Um funcionário leal (...) defende a organização, tomando medidas concretas quando ela é ameaçada, tem orgulho em fazer parte da organização, fala positivamente sobre ela e defende-a das críticas.

Lealdade não quer dizer, necessariamente, fazer o que, a pessoa ou organização à qual quer ser fiel, quer que faça. Lealdade não é sinónimo de obediência cega. Lealdade significa criticar construtivamente, dentro do âmbito da organização. Significa agir com a convicção de que o comportamento vai promover os legítimos interesses da organização. Assim, ser leal, pode significar a recusa em fazer algo que se ache que poderá prejudicar a organização, ou a sua equipa”⁷.

As virtudes da responsabilidade e da lealdade são completadas por uma terceira, a iniciativa, capaz de as colocar em movimento.

Tomar a **iniciativa** de fazer algo no interesse da organização significa possuir lealdade pela organização.

Acrescentamos outras qualidades que consideramos importantes no âmbito da ética individual. São elas:

Honestidade

A honestidade está relacionada com a confiança que é depositada, com a responsabilidade perante o bem de terceiros e a manutenção de seus direitos. A honestidade é a primeira virtude no campo da ética individual. É um princípio que não admite relatividade, tolerância ou interpretações de circunstância.

Discrição

O respeito pelos segredos das pessoas, dos negócios, das empresas, deve ser desenvolvido na formação dos indivíduos. Uma informação com carácter de sigilo é algo que nos é confiado e cuja preservação de silêncio é obrigatória.

⁶ MOLLER, Clauss, in “Revista Exame”, Rio de Janeiro, 1996, pág. 103.

⁷ Ibidem, pág. 104.

Competência

Competência, sob o ponto de vista funcional, é o exercício do conhecimento, de forma adequada e persistente, de um trabalho ou profissão.

Não é possível acumular todo o conhecimento exigido para determinada tarefa, mas é necessário que se tenha a postura ética de recusar serviços quando não se tem a devida capacidade para os executar.

Prudência

Qualquer trabalho, para ser executado, exige muita segurança. A prudência contribui para uma maior segurança. A prudência é indispensável nos casos de decisões sérias e graves, pois evita os julgamentos apressados e as discussões inúteis.

Coragem

A todo o indivíduo é necessário coragem, pois, segundo Aristóteles, “o homem que evita e teme a tudo, não enfrenta coisa alguma, torna-se um covarde”⁸. A coragem ajuda-nos a reagir às críticas, quando injustas, e a defender dignamente quando estamos cientes do nosso dever. Ajuda a não ter medo de defender a verdade e a justiça, principalmente quando estas forem de real interesse para o indivíduo e, daí, para o bem comum. Há que ter coragem para tomar decisões sem levar em conta possíveis atitudes ou actos de desagrado de terceiros.

Perseverança

Todo o trabalho está sujeito à incompreensão, ao insucesso e ao fracasso, que precisam de ser superados, sem decepções ou mágoas.

Compreensão

Facilita a aproximação e o diálogo.

Não se pode, porém, confundir compreensão com fraqueza, que não se percam de vista os verdadeiros objectivos.

A compreensão deve ser condicionada pela prudência.

Humildade

O indivíduo necessita de humildade suficiente para admitir que não é o dono da verdade e que o bom senso e a inteligência são propriedade de um grande número de pessoas.

Representa a auto-análise que cada um deve praticar, a fim de conhecer melhor as suas limitações. Humildade é uma característica individual que carece de

⁸ In www.suigeneris.pro.br.

melhor interpretação, dada a sua importância, pois é, geralmente, confundida com subserviência, dependência – sendo-lhe, normalmente, atribuído um sentido depreciativo.

Imparcialidade

É tão importante que assume as características do dever, pois destina-se a contrapor aos preconceitos, a reagir contra os mitos, a defender os valores éticos, assumindo principalmente uma posição justa nas situações que se enfrentam. Para se ser justo é obrigatório ser-se imparcial.

Optimismo

Em face das perspectivas das sociedades modernas, o indivíduo deve ser otimista, para acreditar na capacidade de realização da pessoa humana, no poder do desenvolvimento, enfrentando cada situação com energia e bom humor.

Um indivíduo que possua as características acima referidas é, certamente, dotado de ética individual e, dessa forma, pode ser aceite em qualquer grupo, comunidade ou sociedade.

3. INDIVIDUALISMO, EGOÍSMO, GENEROSIDADE E COMPETIÇÃO

Individualismo é uma palavra que provoca polémicas e mal-entendidos. Quando isso acontece é provável que o termo esteja a ser usado com múltiplos significados, o que desencadeia emoções diferentes, de acordo com o modo como cada um o entenda. Individualismo determina um juízo negativo quando utilizado como sinónimo de egoísmo e também, por exemplo, quando é usado para descrever uma pessoa incompetente para a manutenção de relacionamentos afectivos ou para a integração em grupos.

Um individualista pretende, com as suas acções, maximizar os ganhos próprios, sem ter especial interesse nos ganhos ou perdas dos restantes indivíduos.

Ao contrário, um egoísta, ainda que especialmente interessado em maximizar os seus ganhos, está também interessado em que essa maximização coincida com a minimização dos ganhos dos outros.

A atitude de ambos (individualista e egoísta) pode levar à competição que não é, por si só, algo de reprovável ou de eticamente incorrecto e que pode, igualmente, indiciar ao conflito, sendo ele também, apesar de potencialmente destrutivo, um poderoso elemento nos processos de grupo.

A ausência de conflito num grupo pode significar uma quebra no envolvimento dos seus membros.

Quando em 1954, Roger Bannister, se tornou no primeiro ser humano a correr a milha abaixo dos quatro minutos, reconheceu que esse facto se deveu em grande parte à competição. Bannister estava certo que, se não tivesse tido opositor, se só corresse contra o relógio, teria sido incapaz de conseguir essa proeza.

A competição é tida como uma habitual fonte de conflito (em oposição à cooperação). Na dinâmica de grupo, a cooperação consiste numa forma de comportamento em que cada elemento é incentivado a atingir um determinado objectivo, a ser partilhado pelos outros. A frequente dicotomia entre competição e cooperação pode levar à conclusão (a nosso ver errada) de que a competição é invariavelmente “má” e, em oposição, a cooperação invariavelmente “boa”. Na vida social, muitas situações implicam a necessidade de cooperação e, também, de competição; veja-se, por exemplo, o jogo do “dilema do prisioneiro” que consiste numa técnica laboratorial artificial, que institui motivos de opção para cooperar ou competir, criando um contexto análogo ao de dois suspeitos de crime, cuja pena depende de confiarem, ou não, um no outro. Os intervenientes têm que escolher entre cooperar ou competir, ao longo de todo o jogo.

Quando os jogadores competem entre si, a situação transforma-se numa armadilha social, visto ser, cada indivíduo, tentado a agir de acordo com o seu interesse a curto prazo, em detrimento das necessidades dos outros e, em última análise, em detrimento dos interesses a longo prazo de todos. No entanto, a estratégia óptima para este jogo consiste, numa primeira fase, na cooperação e, ao longo do jogo, na negociação/competição.

Por norma, associa-se o individualista ⁹ ao egoísta e, a este, opõe-se o generoso. Contudo, o egoísta não tem competência para gerar tudo aquilo que necessita, o individualista tem. O egoísta é aquele que precisa de receber mais do que é capaz de dar. É esperto porque é fraco. Necessita de usar a inteligência para ludibriar os outros e deles obter o que quer e não é capaz de produzir. O egoísta tem que ser simpático e extrovertido. Não é assim por gostar das pessoas e de estar com elas, é assim porque precisa delas!

Uma outra forma de imaturidade emocional e ética é a generosidade. O generoso precisa de se sentir amado e querido. Para atingir esse objectivo faz concessões, qualquer tipo de concessão. O egoísta percebe isso e trata de obter os favores práticos que o generoso, com o intuito de se sentir aconchegado, está disposto a

⁹ Detentor de ética individual assente nas características já referidas.

prestar. Compõe-se uma aliança sólida e nociva entre esses dois tipos de pessoas imaturas, dependentes e desprovidas, no todo ou em parte, de ética individual. Considera-se importante, neste momento, distinguir generosidade de altruísmo. Este último corresponde à ajuda anónima a terceiros desconhecidos ou pouco conhecidos, de modo que não implica o reforço do egoísmo, já que não existem trocas directas.

Tendo sido tecidas algumas considerações sobre ética, ética individual e individualismo, em oposição ao egoísmo, e as suas relações com a generosidade e a competição, é altura de, seguidamente, se apresentarem algumas breves conclusões.

4. CONCLUSÕES

Pode-se definir o individualismo como a capacidade de exercer a própria individualidade¹⁰. Nascemos totalmente sem identidade. Levamos aproximadamente um quarto da nossa vida para completar o processo de desenvolvimento interior que define a individualidade.

A individualidade faz-nos conscientes da nossa condição de solitários, de que todos os contactos que estabelecemos com “os outros” são precários, porque o modo de pensar de cada cérebro é único e a comunicação nem sempre se estabelece. Creio que nós, como espécie, lutamos contra a sensação de solidão determinada pela constituição da nossa individualidade e só nos estamos a aproximar dela em virtude dos avanços tecnológicos.

Ao nos colocarmos como defensores das tendências gregárias posicionamo-nos, nem sempre de modo consciente, contra o desenvolvimento da nossa individualidade. Passamos a considerá-la como nociva ao bem comum, como algo que nos impediria de pensar também no próximo. Para preservar o termo “individualidade”, altera-se o foco das críticas para outra palavra com significado semelhante. Aqueles que são favoráveis às causas colectivas colocam-se contra o individualismo – que significa apenas o exercício da individualidade, algo que eles mesmos consideram positivo.

Não se considera existir qualquer contradição entre o exercício pleno da nossa individualidade e o desenvolvimento do sentido moral e de solidariedade social.

¹⁰ A palavra individualidade tem conotação positiva, qualquer coisa como a conquista de um estado de autonomia, ao contrário da palavra individualismo que tem, geral e erradamente, uma conotação negativa.

Pelo contrário, o incompleto desenvolvimento emocional e ético das pessoas acaba por provocar condutas duvidosas.

Assim sendo, não só o individualismo não é sinónimo de, nem implica, egoísmo, como é forte a convicção no sentido oposto: o egoísmo deriva da imaturidade emocional e ética, que se caracteriza pelo incompleto desenvolvimento da individualidade e da inexistência de uma ética individual assente nas características referidas mais atrás, além da necessidade de existência de generosos para os alimentar. O egoísta é dependente para aspectos práticos da sobrevivência e o generoso depende para aspectos emocionais de carinho. Egoísmo e generosidade interagem na sociedade como um todo. O egoísmo só desaparecerá quando desaparecer a generosidade. O parasita só será extinto quando não houver hospedeiro para ser parasitado.

O justo terá que ser um indivíduo independente tanto do ponto de vista prático como emocional. Não poderá necessitar de ninguém para as questões práticas da sobrevivência (como é o caso do egoísta). Não poderá necessitar de ninguém do ponto de vista do aconchego emocional (como é o caso do generoso).

Pessoas maduras, com uma ética individual forte, gostam de se relacionar social e afectivamente. Essas pessoas são individualistas, pois desenvolvem com maior firmeza a sua individualidade.

Pessoas mais maduras são, pois, individualistas¹¹ sendo detentoras das características da lealdade, responsabilidade, iniciativa, honestidade, discrição, competência, prudência, coragem, perseverança, compreensão, humildade, imparcialidade e optimismo.

O individualismo pode provocar competição e, com isso, causar atrito, de onde pode ser criada energia nas relações dos grupos. Só o atrito pode provocar a mudança e o movimento. O Individualismo é o seu motor.

O Individualismo, como refere Flávio Gikovate, *“corresponde à maturidade emocional e à solidez da ética individual, condição indispensável para o estabelecimento de relações de qualidade e também do aparecimento de um efectivo avanço moral”*¹².

A minha conclusão (e opinião final) só pode ser:

_ O Individualismo recomenda-se!!!

¹¹ Aquelas que possuem e exercitam a sua ética individual e, como tal, a sua individualidade.

¹² In www.zipsaude.com.br.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo, “Ética”, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 15ª ed., 1995.

TORRINHA, Francisco, “Dicionário de Língua Portuguesa”, Ed. Domingos Barreira, Porto, 1946.

ARTIGOS DE REVISTAS

GIKOVATE, Flávio, “Individualismo não é egoísmo”, in “Zipsaúde”, 2004.

MOLLER, Clauss, in “Revista Exame”, Rio de Janeiro, 1996.

INTERNET

<http://dictionary.reference.com>

<http://lgxserver.uniba.it>

<http://Tpd2000.vilabol.uol.com.br>

<http://xroads.virginia.edu>

<http://www.accts.org>

<http://www.achegas.net>

<http://www.eticadireito.hpg.ig.com.br>

<http://www.faithfreedom.org>

<http://www.newadvent.org>

<http://www.noolhar.com>

<http://www.suigeneris.pro.br>

<http://www.supplychain.co.nz>

<http://www.users.csbsju.edu>

<http://www.zipsaude.com.br>